



Revista Decifrar

Apresentação

Fadul Moura

Nicia Zucolo

Grupo de Estudos e Pesquisas em
Literaturas de Língua Portuguesa

Relações de Gênero, Poder e
Violência em Literaturas de
Língua Portuguesa

vol. 4, nº 8, 2016/2
ISSN 2318-2229

A arte da memória, no mundo antigo, era concebida como forma de imortalizar os homens da civilização. Com Simônides de Ceos, encontra-se relacionada ao conceito de *fama*, na louvação aos grandes feitos que perpetuam os homens; e à ideia de *piedade*, quando dirigida ao culto dos mortos. Além dessas noções, a memória é vinculada, paradoxalmente, àquilo que também é necessário esquecer, em garantia da paz do espírito assombrado pelo que se recorda. Giulio Camillo, com seu teatro da memória, objetivava reduzir o conhecimento macroscópico ao conjunto de imagens dispostas no espaço que o olho humano pudesse ver, a fim de evocar constantemente o conhecimento que delas era retirado. Nas literaturas de língua portuguesa são inúmeras as obras que tratam da memória a serviço daquele que narra, como em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; voltada para o discurso histórico, como *História do Cerco de Lisboa*, de José Saramago, em que a personagem literária procura abrir uma fenda na própria História portuguesa, permitindo passagem para outra história possível; e, ainda, nos poemas de *A dolorosa raiz do mincondó*, de Conceição Lima, em que a voz lírica questiona o lugar de enunciação da história sobre os negros, ao passo que nega a herança de Kunta Kinte e permite vazar o canto antigo dos griots. A trajetória por esses exemplos e por outros em tempos de pós-colonialismo permite verificar que a Literatura retorna ao paradigma histórico para indagar a oficialidade do registro; negar a primazia do discurso unilateral; e evidenciar outras vozes capazes de registrar a própria história, sem o intermediário europeu – em sua maioria, masculino – a traduzir suas palavras e pontos de vista. Isso quer dizer que a trajetória inicia com uma *ars*, isto é, como procedimento mecânico de recuperação de informação e arquivamento, e alcança, com a Literatura, um novo significado. Esse, por sua vez, pode ser guiado pelas lentes de Gayatri Spivak (1994), para quem a relação entre *escritura* e *leitura* denota uma matéria política, revelada pela seleção e pela interpretação dos termos legíveis da história. Assim, *Literatura*, *memória* e *poder* são palavras que se encontram relacionadas, pois a produção dos discursos históricos, literários e culturais sempre esteve marcada pelo registro e, antes dele, pela possibilidade e perspectiva de quem registra. Neste momento, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Literatura de Língua Portuguesa, em parceria com o grupo *Relações de Gênero, Poder e Violência nas Literaturas de Língua Portuguesa*, lança este número da **Revista Decifrar** com o tema *Literatura, memória e poder*, trazendo à baila pesquisas que se circundam os questionamentos sobre a ideia da memória; sobre *quem escreve a história*, revisando ou ratificando o discurso oficial.